

AROMAS E SABORES: UMA ABORDAGEM GEOGRÁFICA NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Leonardo Pinto dos Santos¹
Franciele da Silva²
Gilda Maria Cabral Benaduce³

Resumo

O presente trabalho visa explorar as possibilidades presentes nos sentidos paladar, olfato e/ou tato dentro do ensino da ciência geográfica com abordagem para a Educação Ambiental, levando discentes e educadores a (re) inventar saberes e fazeres na educação básica. Dentro da oficina intitulada de “geografia dos aromas e sabores” os alunos participantes do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência explorarão a sensibilidade propiciada por parte dos sentidos humanos na compreensão da ampla interdependência global a qual estamos vivendo, levando-os a percepção do quando se torna importante pensarmos em uma conscientização coletiva sobre o meio ambiente e sobre nossas práticas cotidianas.

Palavras-chave: PIBID; Geografia; Conscientização; Sentidos.

PARA INÍCIO DA CONVERSA...

Chegamos ao século XXI e com isso a Terra “encolheu”, os avanços tecnológicos proporcionam relações humanas e homem/natureza distante da imaginação dos nossos antepassados, alocando nosso planeta em um espaço de interdependência entre nações e pessoas. As últimas porções terrestres incógnitas foram penetradas e mapeadas, o frio extremo das regiões polares e a profundidade dos oceanos não são mais empecilhos para o homem tecnológico. Com o homem criando “asas”, conseguimos viajar mais longe, mais rápido e em maior frequência do que jamais pensará, modificando para sempre as percepções sobre o espaço geográfico, concebendo uma geração de educandos que chegam à escola rodeada de informações propiciadas pelo mundo cibernético.

Neste espectro temos os agravos socioambientais que se disseminam sobre os seres humanos, sem respeite a fronteiras e divisas, em uma crise ambiental conectada diretamente ao desenvolvimento ecologicamente predador concebido pelo sistema capitalista vigente.

FERNANDES (2008 p.37) corrobora afirmando que:

¹ Acadêmico de Geografia, Universidade Federal de Santa Maria. Contato: leonardoufsm@hotmail.com

² Acadêmica de Geografia, Universidade Federal de Santa Maria. Contato: francieli17@gmail.com

³ Doutora em Geografia. Professora do Departamento de Geociências, Universidade Federal de Santa Maria. Contato: g.benaduce@brturbo.com.br

Desde a revolução industrial e em especial, com o advento da civilização tecnocientífica, as transformações fazem-se sentir a uma velocidade vertiginosa e global sendo responsáveis pela actual crise ambiental. Embora essa crise de relacionamento humanidade-natureza não seja de agora – várias civilizações do passado declinaram e soçobraram face a uma relação insustentável com o seu tecido ecológico e ambiental, a verdade é que eram transformações localizadas e embora o Homem tivesse menos meios para as resolver, a amplitude e complexidade dos problemas actuais são ímpares e têm outras dimensões.

Dentro deste colapso pronto a deflagrar, se tornou comum à discussão sobre o meio ambiente referenciando o modo do homem nele atuar, assim, a discussão adentrou as instituições de ensino que se apresentam como ponto capital de irradiação de pressupostos de harmonia para com a natureza, observando-a como um bem coletivo que deve ser preservada para a manutenção da qualidade de vida das gerações atuais e futuras.

JACOBI (2005, p.245) coloca que:

A educação ambiental assume, assim, de maneira crescente, a forma de um processo intelectual ativo, enquanto aprendizado social, baseado no diálogo e interação em constante processo de recriação e reinterpretação de informações, conceitos e significados, que se originam do aprendizado em sala de aula ou da experiência pessoal do aluno. A abordagem do meio ambiente na escola passa a ter um papel articulador dos conhecimentos nas diversas disciplinas, num contexto no qual os conteúdos são ressignificados. Ao interferir no processo de aprendizagem e nas percepções e representações sobre a relação entre indivíduos e ambiente nas condutas cotidianas que afetam a qualidade de vida, a educação ambiental promove os instrumentos para a construção de uma visão crítica, reforçando práticas que explicitam a necessidade de problematizar e agir em relação aos problemas socioambientais, tendo como horizonte, a partir de uma compreensão dos conflitos, partilhar de uma ética preocupada com a justiça ambiental.

Mas com isso vieram atrelados questionamentos de “Como Fazer?”, “Por que fazer?” e “Quando fazer?” para aplacar a situação originária pelo padrão disfuncional que adotamos frente a natureza, levando a uma conscientização de nossos discentes e a uma educação ambiental emancipatória aos atores aqui envolvidos.

O processo de padronização global que conglomerou essa geração de jovens acabou por dizimar as percepções sensoriais dos mesmos, colocando-os em um nicho onde todos transparecem quase que uma anestesia geral frente a este modo de vida globalizado. Induzindo a uma privação do contato com o meio natural, o que repercute no modo de compreensão frente ao meio que os circunda, influenciando amplamente a

percepção ambiental e o grau de consciência, tanto individual, como coletiva dos estudantes que hoje encontramos na maioria das escolas.

A partir deste pensamento, arguimos em acabar com a anestesia geral que encontramos com o uso de práticas educacionais que contemplem conteúdos da Geografia Escolar com a potencialização dos sentidos humanos, se valendo do espaço possibilitado pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência para efetivação de tal ação, esperando gerar uma postura ambientalmente responsável através de um entendimento crítico sobre as inúmeras conexões globais existentes atualmente.

CARNEIRO (2002, p.44) traz a intrínseca relação entre a ciência geográfica com a educação ambiental, colaborando com o pensamento desta ciência como transformadora do olhar sobre o espaço.

A geografia escolar, a partir do sentido da Geografia enquanto ciência, guarda uma íntima relação com a Educação Ambiental. Pelo seu papel formativo no desenvolvimento do educando, ao orientá-lo na leitura do espaço, desde o imediato ao mais remoto, a educação geográfica envolve-se, motivada e justificadamente nos dias de hoje, com as questões ambientais.

LACOSTE (2009, p.254) ainda coloca a importância da Geografia para a compreensão da realidade a qual estamos inseridos.

A mídia transmite informações procedentes de todos os países do mundo (ciclones, tremores de terra, mas também guerras civis e conflitos de todas as ordens). Se não se quer que essa onda de notícias provoque a indiferença da opinião, é preciso que esta possa integrá-las a uma representação do globo suficientemente precisa e diferenciada. O mundo é ininteligível para quem não tem um mínimo de conhecimentos geográficos.

Esperamos com esse trabalho contribuir para a disseminação de um processo reflexivo que abranja todos aqueles envolvidos na educação, levando-os a atuarem como fontes polarizadoras de um pensamento harmônico entre homem/natureza, vendo a ciência geográfica e outras áreas do conhecimento como pontos principais para a consolidação do pensamento crítico e conscientizador.

DESCRIÇÃO DA PROPOSTA METODOLÓGICA DA OFICINA

A oficina “geografando os aromas e sabores” segue os pressupostos de interagir conteúdos da Geografia Escolar com os princípios ambientais que se tornaram as diretrizes do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência dentro do

subprojeto Geografia/UFSM para o segundo semestre de 2012. Esta ação é voltada as séries do Ensino Médio do Instituto Estadual Luiz Guilherme Prado Veppo, escola esta, parceira do PIBID/Geografia.

Acreditamos que nossas ações dentro do projeto se voltam a um espaço de vivência, reflexão e construção de conhecimentos significativos para o discente, uma vez que estes estarão em um lócus de socialização permeada pela interdisciplinaridade que se torna alvo das políticas pedagógicas da própria instituição de ensino parceira, já que, os educadores ali locados são incentivados ao máximo a trabalharem de forma conjunta dentro da sala de aula, algo indispensável para a abordagem da educação ambiental que possui em sua essência o poder de transpor as barreiras presentes em distintos segmentos do conhecimento.

O trabalho conjunto entre diferentes áreas do conhecimento somente enriquece as propostas de se trabalhar com a educação ambiental, uma vez que fomenta olhares distintos sobre um mesmo objeto, concedendo aos educadores e educandos envolvidos múltiplas percepções sobre uma mesma questão.

Vale ressaltar que as temáticas abordadas na atividade estão inclusas nos planos de ensino das séries que queremos trabalhar, adquirindo maior peso por se constituir de conteúdos trabalhados no decorrer do trimestre escolar, auxiliando na aquisição de saberes relevantes para o aluno que vislumbraria tal temática de forma tradicional, e, que agora contemplará concepções geográficas rodeadas dos aromas e sabores presentes nos alimentos.

O pensamento de eliminar temporariamente a visão dos estudantes através do uso de uma venda partiu da conjectura de colocar o sujeito em uma situação anormal a sua situação habitual, criando estranhamento e tensões que o auxiliará no despertar dos outros sentidos humanos que comumente são depreciados em razão do uso ocular para percepção do espaço. Sendo verídico que a perda de um sentido ativa os demais, que acabam sendo potencializados e estimulados para aquisição de novos saberes, o que será necessário por parte do discente quando este for manipular e provar distintos alimentos com texturas, aromas e gosto diferenciados, levando-os a ativação de lembranças e memórias.

Acreditamos que a oficina “geografando os aromas e sabores” apresenta amplo apelo à construção do conhecimento por parte dos atores participantes, já que, além do

ressurgimento de lembranças, ela conceberá uma percepção maior da interdependência que o homem apresenta neste novo século, uma vez que poderá contemplar no mapa exposto os caminhos que determinado alimento ou material irá percorrer até chegar as nossas mãos e lares, deixando que conteúdos geográficos antes depreciados, sejam marcantes/significativos aos nossos educandos.

Entre os ideais de Vygotsky (1991) há a concepção da zona de desenvolvimento proximal, o que nossa abordagem acaba favorecendo na medida em que as ações aqui pensadas se constituem de espaços de interação social que elevam as potencialidades de indivíduos que sabidamente apresentam distintos modos de aprendizagem.

Ao propiciar aos jovens vivências significativas a partir dos sentidos básicos da percepção humana, estamos rumando à extinção da cegueira concebida pelo mundo globalizado que estes jovens estão inseridos, retirando-lhes da anestesia geral em que se encontram para a libertação e emancipação desejada e defendida por Paulo Freire (2011).

A proposta principal da oficina é facilitar a (re) conceituação de saberes geográficos que passam despercebidos em aulas estritamente tradicionais, aproximando os discentes a realidade que os cerca mas que parece distante destes, levando a uma compreensão da dependência que estamos presenciando, colocando neste contexto a educação ambiental, que sem uma conscientização coletiva acabará por extinguir as belezas naturais indispensáveis a manutenção da qualidade de vida do homem e dos seres vivos presentes no planeta Terra. Sem esta percepção coletiva estaremos fadados a profecia dos índios Cree feita no final do século XIX. “Quando todos os mares estiverem poluídos, quando todos os rios secarem, quando não tiver mais nenhuma árvore, os homens entenderão que dinheiro não se pode comer” (Brandão 2009, p.11).

O resultado desta oficina centrara dentro do processo educativo uma transcendência dos limites temporais e físicos do experimento, preparando o educando a uma tomada de consciência que suas ações repercutem diretamente sobre a vida de outros seres vivos presentes no espaço geográfico, como se estivéssemos em uma grande teia onde a oscilação em qualquer um dos pontos será sentido por todos que ali estiverem, tornando facilitado o processo de revisão de paradigmas para estes jovens, o que se torna condição imprescindível para a mudança de atitude individual e coletiva.

A atividade proposta junto à escola inclui o objetivo de sensibilizar e informar os agentes envolvidos dentro do contexto escolar, visando a uma tomada de consciência e a uma conduta responsável dos indivíduos em relação ao ambiente. Fomentando propostas pedagógicas no âmbito ambiental voltando à transversalidade buscada pelo subprojeto PIBID/Geografia da Universidade Federal de Santa Maria e pelo Instituto Estadual Luiz Guilherme Prado Veppo.

Buscando a partir disso, a democratização do conhecimento e uma melhora qualitativa do processo de ensino-aprendizagem, adequando conteúdos de nossa ciência a novos métodos de ensino. Tentando-se a elevação da motivação dos discentes e docentes presentes na educação básica brasileira e ampliando percepções das inter-relações globais, dando-lhes as condições necessárias para identificar-se como parte integrante da natureza, percebendo suas ações individuais como elementos fundamentais para uma postura responsável em relação com a natureza.

A partir das concepções da oficina “geografando os aromas e sabores” queremos que os educandos envolvidos percebam que os problemas ambientais interferem diretamente na qualidade de vida das pessoas, tanto localmente, bem como, globalmente.

A EDUCAÇÃO COMO PRINCÍPIO PARA A TRANSFORMAÇÃO DE VELHOS PARADIGMAS

Certamente um dos grandes prazeres da vida é o próprio ato de alimentar-se, cada novo sabor e aroma sentido nos conduzem a um mundo de lembranças de momentos especiais em nossa vida, remetendo-nos a percepções que ao transpormos para a ambiência escolar poderá contribuir no processo de ensino-aprendizagem das novas gerações que encontramos dentro das instituições de ensino.

Propomos que o educando consiga tecer uma rede complexa de inter-relações globais, a partir daquilo que lhe é comum no dia-a-dia, retirando dos armários e gavetas de suas residências saberes que o conduzirá a posição libertária/emancipatória defendida por Freire (2011); Jacobi (2005). Englobando nessa teia cheia de conexões os princípios da conscientização ambiental que poderá mudar a realidade da sociedade atual que clama por uma nova mentalidade dos indivíduos que nela se inserem.

Quem não apresenta uma lembrança dos dias na casa dos avós? Aquele aroma do café que somente nossa avó sabe fazer e o bolo de gosto inigualável. Seguindo este pensamento, estamos construindo uma oficina para se aplicar com estudantes da rede pública de Santa Maria - RS que participam do Projeto Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), combinando a ciência geográfica com a inerência da Educação Ambiental.

A partir da supressão de algum dos sentidos, objetiva-se aguçar outro na tentativa de expandir a percepção e lembranças que o levem a uma maior compreensão do espaço geográfico.

A Educação Ambiental dentro da escola se torna destacada pela possibilidade de se trabalhar com atitudes e formação de valores além da simples abordagem de informações e conceitos (muitas vezes desconexas do ambiente comum do educando), possibilitando o trânsito entre distintas ciências que concederam aos envolvidos um olhar multifacetado sobre o objeto estudado. Auxiliando na constituição de um cidadão consciente e apto a viver coletivamente, pensando que o bem-estar alheio repercute diretamente em sua própria qualidade de vida.

JACOBI (2005, p.243) coloca que:

Assim, nossa argumentação vai no sentido de reforçar que as práticas educativas articuladas com a problemática ambiental não devem ser vistas como um adjetivo, mas como parte componente de um processo educativo que reforce um pensar da educação orientado para refletir a educação ambiental num contexto de crise ambiental, de crescente insegurança e incerteza face aos riscos produzidos pela sociedade global, o que, em síntese, pode ser resumido como uma crise civilizatória de um modelo de sociedade.

Torna-se essencial que à escola abra as portas para o novo, fugindo do ensino enfadonho do uso básico do giz e livro didático, proporcionando situações aos discentes que lhe coloquem no cerne do processo de construção do saber, promovendo atividades que atribuirá participações concretas na constituição de um ambiente democrático e propício para o desenvolvimento de conhecimentos que cominará com a capacidade de se transfigurarem como indivíduos prontos a interferir no meio.

SUERTEGARAY (2011, p.13) contribui colocando que:

Nos dias atuais o aluno não somente apreende, ele produz saberes que devem ser compreendidos e considerados pelos professores e demais estruturadores do espaço escolar. A Geografia, em especial a educação geográfica, se renova ao considerar a construção do conhecimento a partir das vivências (saberes) dos alunos, da busca de novas formas de aprendizado.

Por isso se torna importante parcerias como as proporcionadas pelo PIBID, onde há trocas entre Universidade e escolas da rede de ensino público, criando-se as condições necessárias para a aplicação de métodos de ensino que elevem os entendimentos do aluno sobre o espaço que o cerca e o coloque como figura central no processo de ensino-aprendizagem.

Colocar o educando em posição de reflexão é ponto culminante para efetivar-se uma educação ambiental no ensino básico, sensibilizando e deixando-o pronto a quebras de paradigmas que iniciem uma mudança de hábitos. Para que se dê início a essa mudança de comportamentos, é imperativo que o aprendizado seja significativo e não fragmentado, fazendo com que nossos alunos estabeleçam ligações entre o que aprendem e a sua realidade cotidiana.

CALLAI (2011, p.15) auxilia falando:

Fazer a educação geográfica requer o esforço de superar o simples ensinar Geografia “passando os conteúdos”, e procurar com que os alunos consigam fazer as suas aprendizagens tornando significativos para as suas vidas estes mesmos conteúdos.

Com este pensamento de superar o ensino tradicional e a necessidade de proporcionar um novo enfoque nos estudos ambientais e inter-relações locais e globais, propomos uma prática que favorece uma visão diferenciada sobre tais temáticas através da ação de degustação e percepção de texturas e formas de alimentos e materiais comuns ao habitual dos alunos.

O ensino de Geografia Escolar através dos aromas e sabores é uma valorização do pensamento ambiental que deve permear nossas práticas dentro da escola, bem como em nossas residências. Os sabores se transformam no norte para uma postura crítica e consciente frente aos problemas ambientais presentes no espaço, a partir da culinária os educandos poderão descobrir os caminhos percorridos pelos alimentos que encontramos no comércio e a forma correta de descarte dos mesmos, levando tais práticas a suas residências e transformando as aprendizagens escolares formas de disseminação de ações sustentáveis que envolveram uma gama enorme de pessoas que irão pouco a pouco difundir as preocupações ambientais que são fundamentais para manutenção da qualidade de vida de todos.

O trabalho com alimentos se torna prazeroso pelo fato dos aromas e sabores nos retornar lembranças e sentimentos prazerosos, sendo que, o ato social da refeição se torna importante pelas vivências compartilhadas de forma conjunta com aqueles que amamos. Aguçando os sentidos e curiosidades dos envolvidos, centrando métodos fundados na experimentação sensorial o que leva o docente ao desenvolvimento de um instrumental referencial maior, o que favorece o incremento de conteúdos e enriquece o uso de informações de forma criativa, incentivando posturas autônomas dos alunos (Rossato; Rossi 2010).

Os alimentos são cercados de saberes, cada alimento que comemos carrega uma carga imensa de conhecimentos que podemos transpor aos nossos educandos, seus significados transpõem o simples ato de alimentar-se, criando um lócus que esperamos que favoreça a união entre todos os envolvidos, já que, como comentado anteriormente, as refeições se tornam espaço de confraternização, podendo também ser ambiente de conscientização e construção de conhecimentos.

Dentro do subprojeto Geografia/UFSM do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, acreditamos em práticas educacionais que desafiem ao educando a construir o saber de forma conjunta com seus colegas e professores, na busca por um cidadão consciente de seus direitos e deveres e que se veja como indivíduo capaz de atuar sobre o espaço e nele modificar o que lhe transparecer incorreto. Desmistificando a visão de sujeito incapaz de modificar sua própria realidade.

O pensamento em nossas práticas está embasado no pressuposto do professor como mediador do processo de ensino-aprendizagem, deixando de ser a figura central do ensino para que o aluno tome esta posição, tomando seus conhecimentos prévios como ponto de partida para construção de novos saberes.

Com a oficina “geografando os aromas e sabores”, permeou-se a busca por uma prática educacional interativa, crítica e pronta a acentuar os sentidos dos nossos alunos, mesclando os conhecimentos prévios com a aquisição de novos. Induzindo a um caminho reflexivo que rege a inovação pedagógica, tendo sempre a ideia de se compreender as conexões globais para a aprendizagem de saberes ambientais indispensáveis a mudanças paradigmáticas e a uma melhora visível de nossa educação.

EFFTING (2007, p.23) traz que:

Considerando toda essa importância da temática ambiental e a visão integrada do mundo, no tempo e no espaço, sobressaem-se as escolas, como

espaços privilegiados na implementação de atividades que propiciem essa reflexão, pois isso necessita de atividades de sala de aula e atividades de campo, com ações orientadas em projetos e em processos de participação que levem à autoconfiança, a atitudes positivas e ao comprometimento pessoal com a proteção ambiental implementados de modo interdisciplinar. Ressaltado que as gerações que forem assim formadas crescerão dentro de um novo modelo de educação criando novas visões do que é o planeta Terra

A partir disso, esperamos fomentar subsídios para que professores transponham o desafio de se conscientizar os discentes frente à realidade que os circunda, mas que parece distante dos mesmos, fazendo com que instituições de ensino e comunidade concebam novas epistemologias que ratifiquem novos pensamentos contrários ao modelo de desenvolvimento ecologicamente predador vigente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a oficina “geografando os aromas e sabores” estamos desejosos de criar um desencadeamento de práticas concebíveis com o novo cenário ambiental mundial, levando a uma vida harmônica entre homem/natureza. Sendo que, para alcançarmos tais objetivos, será necessário uma participação coletiva entre todos os sujeitos presentes na comunidade escolar para maximizar práticas sustentáveis e se criar um lócus onde exista verdadeiramente uma conscientização geral, objetivo principal da Educação Ambiental.

Como educadores preocupados com a construção de uma educação ambiental crítica, esperamos que os saberes construídos em nossas práticas pedagógicas suplante os limites da ciência geográfica, ampliando as capacidades perceptivas do educando, bem como do educador, tentando-se vislumbrar a realidade como ela é, e não como ela transparece a partir do mundo globalizado a qual todos estamos inseridos.

Com a Educação Ambiental e o PIBID atuando em conjunto, se têm como princípio básico a desmitificação da complexidade local e global, extinguindo os anseios sobre o (des) conhecido. Permitindo o diálogo entre as percepções concebidas por nossos sentidos e o mundo maravilhoso dos aromas e sabores, criando os caminhos para trocas e libertação da cegueira cultural imposta pela perversidade capitalista que prima pela padronização de comportamentos e pensamentos.

Que venhamos conseguir a construção de uma educação emancipatória, transformadora e crítica.

PIKE; SELBY (2002, p.25) sobre como a vida transcorre discursiva que:

Ao cair de uma linda tarde no fim de setembro, estava sentado à beira de um lago, bebendo chá de amoras, pensando e, acima de tudo, observando. Na superfície, libélulas dançavam o seu ritual de corte, acasalavam e procriavam (até mesmo no meu braço), e a fêmea então partia para botar seus ovos deslizando sobre a água do lago, a cauda mergulhada nas algas, a cada momento liberando um novo ovo. Se não fosse suficiente alerta e rápida, cairia vítima de um sapo emboscado nas plantas. Um sapo, um “plop”, e era uma vez uma libélula. Os próprios sapos, aparentemente adormecidos, mas sempre em guarda, observavam a trajetória curvilínea da cobra d’água deslizando para o lago. Um movimento súbito, um grito de dor, talvez desamparo, talvez ambos e mais alguma coisa, e lá se foi um sapo. Cardumes de peixinhos dourados nadavam aqui e ali. Como eles sabem aonde ir? Será que há um líder? Por que seria necessário um líder se estas criaturas estão em total sintonia com seus sentidos e em comunhão umas com as outras? O que eu observava naquele microcosmo brilhante era a própria dança da vida.

É nesse salão onde decorre a dança da vida de todos os seres vivos que o homem vem tropeçando e pisando nos pés dos parceiros que transitam pelo salão, colocando a todos em sérios riscos pelos abusos de um sistema insustentável, predominantemente predador de nossas riquezas naturais. Por isso, estamos todos desejosos que nossas práticas concebam novos rumos ao pensamento dos discentes participantes do projeto institucional, vendo na escola um ponto de grandes possibilidades de irradiação do conhecimento que levará a humanidade e as pessoas a uma melhor relação para com o próximo e com o meio ambiente.

CARNEIRO (2002, p. 43) contribui ao afirmar que:

A prática educativa escolar, sob a ótica da sua dimensão ambiental, envolve possibilidades inovadoras em todas as áreas de conhecimento ou disciplinas específicas, a iniciar com a novidade de uma leitura diversificada e complementar das questões socioambientais por educadores e educandos e, simultaneamente, pela experiência da construção de conhecimentos significativos e valiosos em sua relação com a realidade de vida; como decorrência, os alunos experimentarão, com uma maior concretude, a crescente percepção de um sentido unitário dos programas curriculares. Nesta linha, a educação geográfica também pode contribuir para uma desejável efetivação da dimensão ambiental da educação escolar.

Com o entendimento que devemos caminhar em direção de uma mudança e que temos dentro das instituições de ensino uma gama grande de possibilidades para concretizar estas transformações, principalmente no que concerne a conscientização da

necessidade de uma vida menos predatória que se torna imprescindível para que a dança possa continuar ocorrendo no salão da vida, vemos a Educação Ambiental como ponto nevrálgico para que as novas gerações desponham das escolas com uma maior sensibilização ambiental, concedendo chances para que o planeta Terra continue nos proporcionando seus bens preciosos para manutenção da vida de todos, e, não somente de alguns poucos.

Por fim, vemos os espaços educativos como fundamentais para a mudança, pensando em uma necessidade permanente de sensibilização de todos os atores envolvidos com a ambiência escolar para que, o local e o global, consigam persistir na existência da vida humana e todos os seres vivos que compõe o espaço. Dando aos nossos jovens o completo entendimento dos riscos socioambientais e de seu impacto nas distintas escalas, vendo o diálogo entre as áreas do conhecimento como ponto fundamental para compreensão da interdependência a qual estamos inseridos e emancipação dos saberes individuais e coletivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, E. **O crédito de Carbono e a crise econômica**. In: Conhecimento Prático Geografia. n. 24, p. 10-15. 2009.

CALLAI, H. C (Org.). **Educação Geográfica: Reflexão e Prática**. Ijuí: Editora Unijuí, 2011.

CARNEIRO, S. M. M. **A dimensão ambiental da educação geográfica**. Educar, Curitiba, n. 19, p. 39-51. 2002. Editora da UFPR

CASTROGIOVANNI, A.C. et al. **Iniciação à Docência em Ciências Sociais, Geografia e História: (Re) inventando saberes e fazeres**. São Leopoldo: Oikos, 2011. 150 p.

EFFTING, T. R. **Educação Ambiental nas Escolas Públicas: Realidade e Desafios**. 2007. 90 f. Monografia (Pós Graduação em “Latu Sensu” Planejamento Para o Desenvolvimento Sustentável) – Centro de Ciências Agrárias, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Marechal Cândido Rondon, 2007.

FERNANDES, J. M. de. A. B. **Educação Ambiental: Representações dos Jovens e Professores face ao Ambiente**. 2008. 700 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) - Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

JACOBI, P. R. **Educação Ambiental:** o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 233-250, maio/ago. 2005.

LACOSTE, Y. A **Geografia – Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra.** Tradução Maria Cecília França. 15ª ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2009.

PIKE, G.; SELBY, D. **Educação Global:** a sala de aula global. São Paulo: Textonovo, 2002. 3 v.

ROSSATO, M. S.; ROSSI, D. R. **Um pouco do Brasil através de ritmos e sabores:** uma proposta para o ensino de geografia. Biblio 3W. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona, Vol. XV, nº 864, 15 de marzo de 2010. <<http://www.ub.es/geocrit/b3w-864.htm>>.

SUERTEGARAY, D. M. A. **Prefacio.** In: CALLAI, H. C (Org.). Educação Geográfica: Reflexão e Prática. Ijuí: Editora Unijuí, 2011, p. 11-13.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1991. 168 p.